

O Núcleo Bandeirante na voz do padre Roque

O Núcleo Bandeirante tem sua história estreitamente vinculada à de Brasília, como consequência natural da sua concepção, desenvolvimento e epopeia. Isso porque foi o Núcleo Bandeirante fulcro comercial, industrial e desenvolvimentista da sociedade original e da própria Brasília.

Dos sonhos de muitos, dos idos de 1750, com o abridor de estradas Francisco Tossi Colombina, a Inconfidência Mineira de Lorde Pitt, e José Hipólito, em Londres, a José Bonifácio e as Cortes de Lisboa com sua história no "Aditamento ao Projeto da Constituição" para fazê-la aplicável ao Reino do Brasil (1821 e 1822), estabeleceu-se o local aproximado e o nome de Brasília para a Capital do país.

Na primeira Constituição da República do Brasil, de 1891, ficou definido o que, dois séculos após, se concretizaria através da Lei Federal nº 2.874, de 19 de setembro de 1956 — a mudança da sede do Governo para o interior do país, no Planalto Central, entre os paralelos 15° 30' Sul e os rios Preto e Descoberto.

Em 1954, a Comissão Científica e Técnica para estabelecimento da nova capital, chefiada pelo marechal José Pessoa, teve como um dos seus membros o médico Ernesto Silva, que, em 1956, veio presidir a própria Comissão de Planejamento, destinada a traçar os rumos para a construção de

Assim, o Núcleo Bandeirante foi crescendo na confluência do riacho Fundo e o Vicente Pires, local bem estratégico; próximo, o suficiente, da Novacap e longe, o ideal, do canteiro

Brasília, estabelecendo as bases da realização do concurso, por intermédio do qual seria definido o "Plano Piloto".

Ao mesmo tempo, em setembro de 1956, era nomeado, para presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil-Novacap, o engenheiro Israel Pinheiro da Silva.

A divulgação em todo território pôtrio da instalação do canteiro de obras da Novacap, no município de Luziânia, deu início à grande marcha para o Oeste.

O roteiro daqueles modernos bandeirantes era diverso e árduo. Imbuidos no mesmo ideal e irmanados na fé de um futuro auspicioso, uns chegavam do Norte e Nordeste através de Formosa e Planaltina; outros, procedentes do Leste e do Sul, alcançavam o canteiro de obras passando por Unaí e Luziânia; enquanto os do Sudoeste atraíam a cidade de Brazlândia.

UMA CIDADE QUE SURGE

Com a instalação do canteiro de obras e o inicio dos trabalhos, era necessária a existência de um local no qual os pioneiros pudessem, nas poucas horas de folga, buscar o suporte e o lazer.

A Cidade Livre serviu a muitos, se não a todos que para aqui vieram; suprimindo-lhes, acolhendo-os, enriquecendo-os e formando novos conceitos, idéias e expressões semânticas; destas tem-se: "quebra o galho", "dê um jeitinho", "candango",

de obras da capital que se implantava em meio aos cerrados, máquinas, técnicos e políticos.

Surgia a Cidade Livre. Através de demarcação disciplinar de ruas e lotes, a cidade dos pioneiros ia se instalando. Era seu administrador o agrônomo José Pimentel de Godoy, auxiliado pelo topógrafo Osvaldo Cruz Vieira, já falecido, que procedia as demarcações.

O Núcleo Bandeirante foi o grande almoxarifado de Brasília. Constituiu-se no "pulmão de Brasília", onde se respirava menos poeira, tomavam-se gelados, bons chopes e cervejas; comia-se em restaurantes rústicos de cozinhas internacionais.

Alguns mais místicos buscavam as igrejas de todos os credos ali fixadas pelas mãos dos seus pastores e clérigos, como, por exemplo, o padre Roque, na sua memorável Igreja Dom Bosco.

Transformava-se dia a dia no almoxarifado material e espiritual de Brasília, do qual seus construtores se serviam para resistirem aos domingos e feriados e às noites de acampamento.

A Cidade Livre serviu a muitos, se não a todos que para aqui vieram; suprimindo-lhes, acolhendo-os, enriquecendo-os e formando novos conceitos, idéias e expressões semânticas; destas tem-se: "quebra o galho", "dê um jeitinho", "candango",

que no idioma de Angola (África) significa "pequeno amigo" ou "caro amigo", em tom afável. Ficando, assim, consagrado ao nativo de Brasília o nome de "Candango".

ORGANIZAÇÃO COMERCIAL

Muitas das atuais firmas estabelecidas no Plano Piloto tiveram seu início na "Cidade Livre". Lá instalaram-se embrionariamente, desenvolveram-se com Brasília e hoje representam organizações fortes.

Entre essas havia firmas que mantinham grandes depósitos de materiais de construção; de gêneros alimentícios, secos e molhados; panificadoras enormes; depósitos de bebidas diversas; de frutas, etc.

Havia uma vasta rede bancária, desde o Banco do Brasil até os de área privada, onde circulou o dinheiro de Brasília por mais de quatro anos.

Até o único hospital da época — o IAPI era próximo ao Núcleo Bandeirante, junho às BR-060, BR-040 e a Ribeirão Vicente Pires.

Enfim, todos os recursos necessários a Brasília estiveram na "Cidade Livre" de 1957 até 1960 ou 1962, sem os quais seria impossível, em tempo hábil, o evento de Brasília.

A história do Núcleo Bandeirante é quase interminável, dadas as características que a originaram, além de ter vivido momentos políticos e sociais das grandes cidades.

Embora várias vezes parcialmente destruída por incêndios irrompidos nas construções de madeira, muito aglomeradas, rapidamente recomponha-se, graças ao espírito inquebrável dos pioneiros. Foi discutida, disputada e condenada por muitos, inclusive pelos urbanistas da época, em vista da própria peculiaridade de caráter provisório com que foi criada.

Não obstante as constantes tentativas de eliminá-la, no dia 20 de dezembro de 1961 foi sancionada a Lei nº 4.020, que estabeleceu o Núcleo Bandeirante como a primeira cidade-satélite de Brasília. O primeiro administrador da Cidade Livre, antes de sua fixação, nos idos de 1956/57, foi o engenheiro-agronomo José Pimentel Godoy.

O PADRE ROQUE

Por acreditar no futuro de uma cidade construída em pleno cerrado, muitos foram os que deixaram a sua terra natal e para cá vieram, enfrentando todo o desconforto de uma região inhóspita e as incertezas de um projeto considerado por muitos, na época, como totalmente fora da realidade brasileira.

Muitos desses pioneiros já morreram, deixando o seu nome na história de Brasília; muitos ainda estão vivos e continuam fazendo essa história. Entre estes, está o padre Roque Valiati Baptista, vigário do Núcleo

Bandeirante e um dos homens que participaram ativamente na construção da futura capital federal.

— Eu vim para cá em abril de 1957, mais precisamente no dia 18. Faz 21 anos que estou aqui; quando cheguei, o Núcleo Bandeirante tinha apenas 50 casas de madeira. Não havia igreja e as missas eram rezadas nas casas maiores, onde cabia um maior número de fiéis. Mais tarde, o dono do antigo cine Bandeirantes cedeu as suas instalações para que as missas pudessem ser assistidas mais confortavelmente pelos pioneiros, que aquela altura já eram em número considerável.

As missas eram rezadas todos os domingos às 9 horas, "elas eram realizada, também, nos muitos acampamentos das empresas construtoras".

Padre Roque recorda que aqueles foram dias difíceis. "Os maiores problemas que enfrentávamos eram a falta de comunicação e de escolas. As aulas eram ministradas nos templos protestantes, aliás, quero ressaltar a grande colaboração prestada pelos missionários dessa igreja".

PRIMEIROS COLEGIOS

As duas primeiras escolas construídas em 57, foram o Colégio Brasília e o Dom Bosco, este último, "atualmente nas mãos dos Lassalistas, funcionava em um prédio de madeira construído pela Novacap. O ensino ministrado ia do 1º ano até ao científico".

O Colégio Brasília "foi construído pelos habitantes. Esses dois educandários foram os primeiros de Brasília e uma solução para fixar as famílias que para cá vieram".

INDOLE PACÍFICA

"Naquela época, conta Padre Roque, a população do Núcleo Bandeirante era de cerca de 1000 pessoas. Havia, também, os acampamentos, cada um formando um núcleo. Os engenheiros moravam nos hotéis de madeira construídos para um maior conforto.

Segundo o vigário, apesar das "pequenos atritos", os candangos eram de índole pacífica, "o que correu para que não houvesse grandes confusões, como muitos, hoje em dia, pensam. Aqui, não era um far-west". O elemento que causasse arruaças era mandado embora e, nenhuma companhia poderia empregar operários dissidentes; isso era uma espécie de lei. Além disso, os que para cá vinham a procura de uma melhor situação de vida, não estavam dispostos a perder o que conseguiam com muito trabalho".

O trabalhador, segundo padre Roque era respeitado e retribuído, esse respeito. "Quando a população aumentou, foi criado, para manter a ordem, o Grupo Especial de Brasília, a

GEB, que, além de fiscalizar a cidade, proibia, por ordem da Novacap, a derrubada desnecessária de árvores, assim como a caça predatória".

RITMO ACELERADO

As obras eram construídas em ritmo acelerado, "os operários e os engenheiros trabalhavam cerca de 12 horas por dia, já que havia um contrato assinado a cumprir. Na estrada Brasília-Belo Horizonte, trabalhava-se até 22 horas diárias. Pode-se dizer, que os trabalhos eram realizados dia e noite, num ritmo intenso".

Como estava tudo por ser construído, "o negócio era bravo, o local era um matagal e muito acidentado. Quando as obras do Palácio da Alvorada começaram a ser executadas, alguns tiveram receio que elas não pudessem ser concluídas, pois, o lugar era pantanoso. O pessoal ficou com medo da construção ruir. Mas, os engenheiros e os operários não voltaram atrás, e hoje, o Alvorada ai está para todo mundo ver. Eles foram heróicos, todos eles... pena que não haja nenhum filme, nenhum documento para registrar esse pioneirismo maravilhoso".

Ambos já mortos, dois pioneiros, segundo Padre Roque, anotaram todos os passos da construção de Brasília: o engenheiro Mozart Parada e Alberto Quadros, "as suas esposas devem ter guardado os diários desses homens, seria interessante se fossem publicados algum dia".

PRIMEIRA IGREJA

A primeira igreja católica construída no Núcleo Bandeirante foi a de São João Bosco, "o seu primeiro vigário foi o padre Primo, que hoje descansa no cemitério da Boa Esperança, ao lado dos outros pioneiros: Bernardo Sajão, Mozart Parada, Juscelino Kubitschek; e os 7 candombos desconhecidos".

Em 1956, para cá veio o padre Osvaldo Sérgio Lobo, o primeiro vigário de todo o DF. "Ele percorria a cavalo, de caminhão ou mesmo a pé toda a sua paróquia, que abrangia Planaltina e Luziânia. Com a minha chegada e do padre Primo, o trabalho foi dividido. Atualmente, ele está no Santuário Dom Bosco, e fará 50 anos de missa, que serão comemorados. Ele é um herói do pioneirismo, e nada mais justo que seja homenageado".

O cardeal Carmelo realizou em 13 de maio de 1957, o primeiro batismo oficial de Brasília. "Os padrinhos da criança foram Juscelino Kubitschek e sua esposa, dona Sara. Aliás, Juscelino foi padrinho de seis crianças que aqui nasceram, muitas delas no hospital do IAPI, o primeiro a ser construído em Brasília".